



ORIGINAL RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## CINEMA MEMORIES AND THE CATHOLIC CHURCH: NOTES ABOUT THE TRAJECTORY OF CINE CLUBE TERESINENSE

<sup>1,\*</sup>Arlene Maria Ribeiro Silva, <sup>2</sup>Milene de Cássia Silveira Gusmão and <sup>3</sup>Raquel Costa Santos

<sup>1</sup>Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias, Maranhão

<sup>2</sup>Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

<sup>3</sup>Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Analista universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários, Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 04<sup>th</sup> August, 2018

Received in revised form

21<sup>st</sup> September, 2018

Accepted 19<sup>th</sup> October, 2018

Published online 28<sup>th</sup> November, 2018

#### Key Words:

Memory,  
Movies,  
Cine Club Teresinense,  
Catholic Church.

#### \*Corresponding author

### ABSTRACT

This article introduces part of the results of the research that focused to understand the conditions that enabled the formation and continuity, from 1962 to 1990, of the Cine Clube Teresinense (CCT), as an educational activity from Diocesano School, institution linked to the Catholic Church in Teresina, Piauí. One starts as theoretical-methodological assumptions the studies from the Sociology of the Culture, more precisely Norbert Elias' configuration theory, which enables to understand the relations between memory, knowledge and language, through the interdependence between individuals and institutions. The reflective work proposes to apprehend the *habitus* conformation that expresses itself in the guidance of behaviors and in the constitution of collective collection of experiences. It does this by taking the practice of practices of the cinema education developed by CCT to understand the learning and knowledge transmission processes, by searching for documental collection of the Diocesano School Memorial, the newspaper *O Dia* and the CCT partners, other than conducting semi-structured interviews with movie clubbers, in Teresina.

Copyright © 2018, Arlene Maria Ribeiro Silva et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Arlene Maria Ribeiro Silva, Milene de Cássia Silveira Gusmão and Raquel Costa Santos, 2018. "Cinema memories and the catholic church: notes about the trajectory of cine clube teresinense", *International Journal of Development Research*, 8, (11), 24078-24083.

### INTRODUCTION

Nascido como invento científico e logo transformado em indústria e espetáculo, talvez tenha sido, como assevera Walter da Silveira (2006, grifo do autor), o "impudor estético de dirigir-se ao povo" o motivo primeiro da negação do cinema como arte. Por outro lado, para o mesmo autor, o "após-guerra punha em destaque a necessidade, mas também a possibilidade, de uma luta eficiente pela emancipação artística do filme" (SILVEIRA, 1965). Junto a isso, uma série de práticas correlatas passavam a fazer parte do cinema como "arte total da visão dos filmes", tal qual apontava André Bazin, em 1948, ao falar sobre "Le Mouvement des cine-clubs depuis la Libération". Na visão de Baecque (2010), Bazin profetizava: "O futuro historiador do cinema deverá

concentrar-se mais na espantosa revolução que está em via de se operar no consumo cinematográfico do que nos progressos técnicos no decurso desses mesmos anos". Esse consumo de que fala Bazin diz respeito, em última instância, como cita Baecque (2010), aos "rituais de visão cinéfila, a implantação das redes de cineclubes entre os anos 1940 e 1960, as revistas de cinema [...] ou algumas correntes intelectuais particularmente sensíveis à 'pedagogia cinematográfica', práticas entrecruzadas, de modo importante, na história da arte e da cultura do século XX. Ao tempo em que envolve os espectadores sensibilizados pelo poder da imagem em movimento e pelo encanto de enredos que se assemelham à realidade e/ou aos anseios dos homens, o potencial educativo desse multimodal bem simbólico não passaria despercebido e desaproveitado por instâncias sociais, políticas e religiosas em

todo o mundo. E tratamos aqui, especialmente, de um exemplar das práticas implementadas a partir das diretrizes da Igreja Católica para a atuação com o cinema, mobilizadas por e mobilizadoras de trajetórias individuais e coletivas de sacerdotes e leigos, que compunham um apostolado cinematográfico atuante em diversos países do mundo e também no Brasil: o cineclubes. No Brasil, para Guido Logger (1965), ao lado das atividades pioneiras da crítica dirigida, como a das revistas especializadas, e dos cinemas de arte, os cineclubes comparecem num movimento intensificado depois da Segunda Guerra Mundial do que se pode considerar uma “educação cinematográfica” propriamente dita, iniciada na década de 1950. Vale lembrar que, também no pós-guerra, a Igreja assumiu e incorporou à sua doutrina social o pensamento humanista e que intelectuais articulados à renovação católica, segundo a perspectiva do humanismo defendida por Jacques Maritain, percebiam no cinema um meio poderoso para responder ao que consideravam a desumanização do mundo moderno. Essa intelectualidade considerava que o princípio humanista de formação espiritual estava sendo deslocado pelo crescente predomínio da ciência e da tecnologia, num mundo onde o saber estava se deslocando do “espírito” para as “coisas”. Pelas pesquisas que temos desenvolvido, é possível notar que os temas/ações supracitados estiveram presentes nas discussões empreendidas pelos católicos, seja nos eventos nacionais, seja em publicações periódicas ou livros, nas décadas de 1950 e 1960, e que tais reflexões estavam sob observância e articulação com as instâncias hierárquicas e apostolares em nível internacional.

De acordo com Soares (1988), com uma “verdadeira política para a atividade cinematográfica”, a Igreja mobilizou pessoas e recursos, “chegando a ser a maior tendência no movimento cineclubista brasileiro, pelo menos até o início dos anos 60”. Menezes (1958), ao tratar, em 1958, sobre a cultura cinematográfica brasileira, cita exemplos dos cineclubes que eram fomentados pelas “entidades católicas que se adaptam aos novos tempos e aplicam os ensinamentos pontifícios”, em vários estados brasileiros, onde, junto com as atividades cineclubistas, desenvolviam-se diversas outras, como cursos, conferências, divulgação de fichas de orientação cultural e técnica, publicação de críticas em jornais, catálogos de filmes, revistas etc. A propósito dos cineclubes colegiais, lembra Menezes (1958):

Os colégios católicos – especialmente os dirigidos por freiras – se constituem em núcleos poderosos dos estudos cinematográficos; são os que melhor realizam o apostolado pelo fornecimento de noções básicas da linguagem utilizada pelo cinema, preparando as novas gerações para uma autodefesa como de modo mais positivo para a recepção do cinema artístico. O apostolado católico recebe inclusive do próprio clero brasileiro, uma contribuição fecunda. Muitos são os sacerdotes que se aprofundam em assuntos cinematográficos e os Seminários já abriram suas portas à cultura cinematográfica. É nesse contexto que surge, em 1962, o Cine Clube Teresinense (CCT), nas dependências do Colégio São Francisco de Sales, mais conhecido como Colégio Diocesano<sup>1</sup>, tendo mantido suas atividades até 1990. Este

artigo visa a apresentar uma breve tessitura descritivo-analítica da sua trajetória, em que se entrecruzam percursos e práticas individuais e socioinstitucionais em diversos níveis, que, contribuem, inclusive, para a compreensão de aspectos importantes do consumo e da produção de cinema em Teresina, entre os anos de 1960 e 1990.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma abordagem descritivo-analítica, que, ao considerar as relações entre os processos sociais e seres humanossingulares, busca compreender, na tessitura da dinâmica de constituição do cinema no Brasil e no mundo, como foi se realizando o projeto católico de educação pelo/para o cinema e, especialmente ao que interessa nesta reflexão, como esse projeto se viabilizou a partir da atuação dos padres Moisés Fumagalli e Carlo Bresciani, no Colégio Diocesano, instituição católica em Teresina, no Piauí. Faz isso considerando a assertiva de Norbert Elias de que apenas os seres humanos formam figurações entre si. Considera o sociólogo alemão que a maneira como se vive conjuntamente em grupos grandes e pequenos é sempre codeterminada pela transmissão de conhecimento de uma geração para outra, portanto por meio do ingresso singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (ELIAS, 2006). Essa opção analítica tem o propósito de ressaltar a importância dos processos de desenvolvimento nos quais o consumo simbólico, por meio da comunicação humana, veicula conhecimento, padrões de comportamento e de sentimentos. Dessa maneira, compreende-se que é possível apreender especificidades dos arranjos societários que possibilitaram a montagem de um projeto de educação para e pelo cinema sob coordenação católica. Este estudo é tributário de trabalhos anteriormente desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa Cinema e audiovisual: memória e processos de formação cultural, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), nos quais o cinema comparece como importante questão a ser tratada nas ambiências de formação da Igreja Católica, especialmente em espaços educacionais<sup>2</sup>. As pesquisas realizadas possibilitaram constatar a existência de uma diversificada rede de atuação que contava com o trabalho de sacerdotes e leigos em ações que iam de cursos básicos, médios e superiores de cinema à implantação de cineclubes em paróquias e colégios católicos, todas alinhadas às diretrizes maiores da hierarquia católica, mas também, para além destas, associadas a trajetórias de pessoas e grupos que devotaram empenho à formação cultural pelo/para o cinema no Brasil. Os trabalhos empíricos realizados revelaram organismos e documentos da Igreja para o cinema, nos planos internacional e nacional, e experiências relacionadas à difusão e à educação cinematográfica em

Brandão Vilela, formalizou a transferência da escola à Ordem Religiosa da Companhia de Jesus de Salvador. Para assumir a administração do colégio, foram enviados os religiosos Carlo Bresciani, Moisés Fumagalli, Luciano Ciman e Luis Óboe.

<sup>2</sup> A tese de doutorado de Milene de Cássia Silveira Gusmão, intitulada *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX ao XXI*, defendida no Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 2008; a dissertação de Raquel Costa Santos, intitulada *Lição de coisas: Igreja Católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia*, defendida em 2009, no Programa de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisa que teve continuidade no doutorado realizado no Programa de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com tese sob o título *Um trajeto católico de educação pelo/para o cinema no Brasil: redes, práticas e memórias*, defendida em 2016.

<sup>1</sup> O Colégio e Seminário Diocesano foram inaugurados em 1906, pelo bispo Dom Joaquim Antônio D’Almeida. Em 1914, a escola fechou por falta de recursos; foi reaberta em 1925, com o nome Colégio São Francisco de Sales, passando a ser internato, semi-internato e externato. Desde sua fundação até o ano de 1960, a instituição educacional foi administrada pela Diocese de Teresina. Nesse mesmo ano, o arcebispo da capital do Piauí, Dom Avelar

diversos estados brasileiros, como Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Bahia. Em Teresina, Piauí, destaca-se a ação promovida pelos padres Moisés Fumagalli e Carlo Bresciani, no Colégio Diocesano, com a implantação Cine Clube Teresinense, em 1962. É sobre essa ação de formação pelo e para o cinema que trata o trabalho de pesquisa realizado de novembro de 2016 a maio de 2018<sup>3</sup>. O percurso descritivo-analítico a seguir apresentado foi resultante de entrevistas realizadas com associados ao CCT e consultas aos acervos documentais privados e institucionais onde se teve acesso a documentos como o estatuto do clube de cinema, atas das reuniões de outubro de 1969 a maio de 1972, fotografias, apostilas e certificados dos cursos; reportagens de jornais sobre filmes, prêmios, feiras e festivais. Além disso, foram consultados acervos do memorial do Colégio Diocesano para análise de materiais como carteiras dos sócios, flâmula e hino do CCT, fotos, textos sobre a programação de filmes veiculada em programa de rádio, filmes e equipamentos de filmagem e edição e livros do acervo do cineclube. Também foi possível acessar o acervo do jornal *O Dia* para consultar a coluna semanal reservada ao CCT, com o título “Comentando cinema”, nos exemplares do jornal de 1965 e 1966.

A partir da pesquisa empírica, realizou-se um esforço analítico para compreender as interdependências processuais e as relações entre determinadas estruturas humanas, objetivadas socialmente nas instituições e projetos coletivos, bem como perceber os processos de formação nos quais os indivíduos aprendem e atuam na continuidade e ou na transformação de práticas e processos de significação mediados pelo consumo e produção cinematográfica. E, nesse sentido, ao acessar informações sobre a organização e o funcionamento do CCT, analisar as condições de possibilidades que foram forjando as ações desenvolvidas pelos agentes, que, ao se entregarem às práticas, não só reproduziam os repertórios culturais dos quais são providos, mas também foram capazes, no fluxo a vida social, de ressignificar os aprendizados que compuseram os seus acervos, viabilizando outras oportunidades de encontro com o cinema. Também foi possível compreender a especificidade da prática cineclubista funcionando por dentro de um projeto institucional com claras orientações para educação cinematográfica. Aqui, ratifica-se a ideia de que esses aprendizados estão intimamente relacionados ao *habitus*, como definido por Bourdieu (2008, p. 163):

Necessidade incorporada, convertida em disposição geradora de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas dessa forma, o *habitus*, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, entendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto de práticas de um agente – ou do conjunto dos agentes que são o produto das condições semelhantes – são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos – ou mutuamente convertíveis – e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida. Na esteira desse raciocínio, acrescenta-se

que são justamente esses “esquemas de percepção e de apreciação específicos” (BOURDIEU, 1996) que estruturam a crença no jogo social do qual fazem parte agentes que se dispõem a atuar na formação de uma outra sensibilidade na relação com a arte cinematográfica. Por outro lado, essa crença só se produz mediante uma rede de relações objetivas, em que se distribuem competências específicas de acordo com as posições ocupadas. Ou seja, a questão diz respeito à motivação de pessoas que se engajam em projetos que objetivam a formação cultural pelo cinema.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implantação do Cine Clube Teresinense, registrado em cartório em 15 de novembro de 1962, foi liderada pelo padre Moisés Fumagalli e teve apoio do padre Carlo Bresciani, diretores do Colégio Diocesano, a partir do Curso de Iniciação Cinematográfica, ofertado aos alunos do colégio, entre abril e novembro de 1962. Em depoimento à revista *Presença*, o padre Carlo Bresciani (1985, p.10) explica tal iniciativa:

Vim para o Brasil em 1956 e para o Piauí em 1960, juntamente com o padre Moisés Fumagalli, que é o fundador do Cine Clube Teresinense. Aqui permaneci até hoje, excetuando-se uma pausa de 4 anos (1965 a 1969). Atualmente, sou o diretor do CCT. O CCT começou no ano de 1962, o padre Moisés Fumagalli então vice-diretor do Colégio Diocesano, teve a ideia de dar algumas orientações cinematográficas para os alunos maiores do colégio para que eles pudessem tirar algum proveito deste divertimento de carácter espetacular que é o cinema. O estudo orientado pelo padre Fumagalli foi dividido em quatro partes: 1) Como se faz um filme; 2) Gramática cinematográfica; 3) História do cinema; 4) Crítica de cinema. Esse conteúdo estava reunido numa apostila entregue a cada cursista. A seguinte fotografia apresenta a primeira turma do CCT e do padre Fumagalli:



Fonte: Anuário do Colégio Diocesano (ARAÚJO, 1962).

**Figura 1. Foto oficial dos sócios fundadores do Cine Clube Teresinense (1962).**

Pelo que se nota na pesquisa realizada, as atividades eram conduzidas de modo a possibilitar o protagonismo dos cineclubistas, a construção conjunta e a partilha de conhecimentos. Além disso, o contexto social no qual esse cineclube se forma contribuiu para a sua consolidação. Teresina vivia, na década de 1960, um período em que o cinema se destacava no cenário cultural<sup>4</sup>. Tão relevante quanto

<sup>3</sup> Resultante na dissertação de mestrado de Arlene Maria Ribeiro Silva, intitulada *Memórias de cinema e processos de formação: a trajetória do Cine Clube Teresinense*, defendida no Programa de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em 2018.

<sup>4</sup> Nas primeiras décadas do século XX, a relação entre a cidade de Teresina e o cinema foi marcada pela avidez do consumo daquele espetáculo popular que mobilizava o gosto de multidões em todo o mundo. Foi no conhecido Theatro

isso foi poder contar com a estrutura e o apoio logístico do Colégio Diocesano, que promovia, por meio do cineclube, atividades pedagógicas sobre linguagem, crítica e técnica cinematográficas, além de proporcionar o consumo cultural do cinema também por meio de atividades de lazer. Conforme o estatuto do CCT, as finalidades eram as seguintes, descritas no artigo 3º:

A) Analisar estética, filosófica, espiritual e eticamente a produção cinematográfica antiga e moderna à luz dos princípios da Filosofia e Teologia Católicas. B) Estudar objetivamente os diversos aspectos da cinematografia, tais como: teoria e técnica do filme, estética e gramática cinematográfica, ética e história do Cinema. C) Defender o Cinema como Arte de manifestação cultural. D) Aplicar o Cinema como Arma de cultura e educação popular, como força plasmadora de opinião pública e costumes populares. (CINE CLUBE TERESINENSE, 1972). Ainda conforme o estatuto, havia a intenção, como consta no item I do artigo 4º, de “colaborar com o magistério para valorização cultural do cinema nos estabelecimentos de ensino” (CINE CLUBE TERESINENSE, 1972). Assim, nota-se a atenção não apenas com estudantes, mas também com professores, e não só do Colégio Diocesano, na tentativa de amenizar a tradição escolar de ver cinema meramente com fins didáticos e contar com a contribuição dos docentes para incentivar nos alunos o exercício do ver e interpretar com senso crítico. Para executar tais ações, o CCT filiou-se a entidades congêneres alinhadas com sua “orientação ideológica”, conforme previa o estatuto. A integração em redes cineclubistas possibilitava permutas de materiais pedagógicos e filmes entre instituições que trabalhavam com cinema, com cineclubistas no Brasil e com a Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S.A.), o Serviço de Informações Cinematográficas (SIC)<sup>5</sup> e o Serviço de

Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos da América (USIS). A busca por informações e as trocas de experiências aproximavam os cinéfilos em cineclubes, feiras, festivais, cinemas e cinematecas, espaços de partilha que conformam e são conformados por práticas, circulação de saberes individuais-coletivos e redes de sociabilidades.

A respeito da classificação dos sócios, consta no Estatuto do CCT que eles se distinguiam em quatro classes:

A) Fundadores: os que tomaram parte na fundação do Cine Clube Teresinense; B) Efetivos: os que foram inscritos depois da fundação do CCT; C) Beneméritos: os que – pessoas físicas ou jurídicas –, a critério da Diretoria, contribuíram para finalidades sociais com doações e/ou serviços valiosos; D) Honorários: são os membros da Federação Norte Nordeste de Cineclubes e outros cineclubes, a critério da direção. (CINE CLUBE TERESINENSE, 1972).

A análise dos documentos indica que alguns membros começaram como cursistas das atividades de formação do CCT e depois mudaram de categoria; alguns passaram a ministrar cursos, coordenar exibições de filmes e/ou representar o grupo em eventos de cinema. A organização hierárquica prevista no estatuto era assim definida: a Assembleia Geral e a Diretoria constituíam os poderes do CCT, sendo a primeira o órgão soberano e que tinha direito de resolver todos os assuntos do clube de cinema; a Diretoria tinha mandato de dois anos e deveria ser eleita sempre no mês de novembro, em assembleia, por, no mínimo, um terço dos sócios. Este órgão executivo deveria ser composto pelos seguintes membros: diretor nativo, presidente, vice-presidente, 1º, 2º e 3º secretários, 1º e 2º tesoureiros e diretor social. As reuniões do grupo ocorriam semanalmente, preferencialmente aos sábados, das 17 às 20 horas. Mas, ao longo dos 28 anos de existência do CCT, esse horário foi modificado de acordo com as necessidades dos envolvidos e dos diferentes níveis de formação de cada turma. Nos cursos, os veteranos se reuniam em uma sala diferente dos sócios iniciantes, pois os assuntos abordados para cada público era diversificado: os primeiros faziam o curso teórico-prático de aperfeiçoamento, que incluía a fotografia, e, para os últimos, era ministrado um curso básico, envolvendo técnica, gramática e crítica cinematográficas e história do cinema. A princípio, as atividades cineclubistas eram destinadas aos estudantes da casa, mas logo jovens de outras escolas puderam participar. Após cada curso, era realizada uma prova para testar os conhecimentos dos participantes. Além das atividades intracolégias, tomando o cinema como importante contributo para a consolidação das bases de formação humana integral cristã dos jovens cineclubistas, o cineclube engajava-se em ações voltadas à propagação de conhecimentos sobre a sétima arte para a sociedade teresinense. Os sócios passaram a participar da programação da rádio Pioneira em horário nobre, com o programa “Tribuna Cinematográfica”, que durava 30 minutos e era transmitido nas tardes dominicais, entre os anos de 1965 e 1967. Outra atuação de destaque era a publicação da coluna mensal “Comentando Cinema”, no jornal *O Dia*, entre 1964 e 1965, com críticas de filmes, divulgação das ações solidárias do grupo, informações sobre as mostras e cursos de cinema ofertados pelo CCT, entre outras.

4 de Setembro (na praça Aquidabã, hoje praça Pedro II, centro da capital) que a população teresinense conheceu, com uma sessão de cinema, a luz elétrica, que lá chegou em 1906 (CAMPELO, 2015, p. 83). O espaço também era palco para peças teatrais, lutas de box, homenagens e comemorações cívicas, comícios, concertos da banda de música da polícia, conferências, eventos beneficentes e/ou religiosos e festivais de arte. De acordo com Barbosa (1996, p. 15), depois que o teatro passou a ser salão cinematográfico e com o aumento do público, que superlotava o espaço, começaram a ser instalados outros cinemas na cidade: o Olímpia, na praça Rio Branco; o Rex, na praça Pedro II; o Pax, na rua Simplicio Mendes; e o São Luiz, na rua 1º de Maio. Funcionava também, no bairro Piçarra, o São Raimundo. E, em 1966, foi inaugurado o cinema Royal, considerado o melhor cinema da cidade, até encerrar as atividades, na década de 1970. Na década de 1990, além do Rex, funcionavam o do Centro de Convenções e o Baloom. Na atualidade, nenhum desses funciona, e as salas de cinema de Teresina se localizam em dois shoppings da cidade, o Teresina Shopping e o Shopping Poty. O período de maior vitalidade da frequência às salas de cinema em Teresina entre foi entre 1950 e 1960, quando, como acontecia em muitas cidades brasileiras e do mundo, o cinema era uma das principais formas de entretenimento e socialização.

<sup>5</sup>O SIC era um serviço especializado criado dentro do Secretariado Nacional da Ação Católica Brasileira (1950), liderado pelo padre Guido Logger, cuja finalidade, segundo seu estatuto era “Trabalhar, dentro e fora da Ação Católica: em prol da elevação do nível moral e cultural da arte cinematográfica, de acordo com as diretrizes da Hierarquia, traçadas na Encíclica ‘Vigilanti Cura’ e em documentos posteriores, pela formação de uma nítida consciência cristã em relação aos problemas cinematográficos.” (ALCANTARA, 1990, p. 37). Sucedeu o então extinto Departamento Nacional de Cinema e Teatro da Ação Católica Brasileira (1946), que, por sua vez, era o órgão sucessor do Secretariado de Cinema e Teatro da Ação Católica Brasileira (1945), subsequente ao Secretariado de Cinema e Imprensa da Ação Católica Brasileira (1941), que havia nascido como Secretariado de Cinemática Ação Católica Brasileira (1938), primeiro órgão nacional oficial da Igreja no Brasil para tratar dos assuntos relacionados a cinema, fundado por Dom Sebastião Leme e que teve à frente professor e intelectual Jonathas Serrano, reconhecido entre os pioneiros e fundamentais colaboradores das discussões sobre cinema e educação no Brasil. Esse órgão, filiado a Office Catholique International du Cinéma (OCIC) em 1939, passou, na sua linha

institucional sucessória, a fazer parte da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não mais da Ação Católica, sendo incorporado pela Central Católica de Cinema (1961), que, mais tarde, compôs, junto com a Rede Nacional de Emissoras Católicas e a União Nacional Católica de Imprensa, a estrutura do Secretariado Nacional de Opinião Pública (1963).

Nessa ambiência favorecida pelo consumo e formação cinematográficos e pela partilha de saberes, também merece destaque o âmbito da produção. Os integrantes do CCT realizavam produções cinematográficas com frequência, a partir do que aprendiam da teoria, da técnica e da estética cinematográficas no cineclube e contando com os esforços do Colégio Diocesano e da diretoria do CCT para aquisição de equipamentos, como filmadoras e projetores em 16 mm e em Super-8, monitores, coladeiras, tituladora, trazidos da Itália pelo padre Fumagalli, assim como livros que formavam a biblioteca do cineclube. Surgiu desse cineclube o grupo J.W. Produções Artísticas, que teve início em 1968 com o nome TAC (Teatro Amador Comunitário), desenvolvendo trabalhos culturais nos bairros Guarita e Santa Luzia, em Teresina, tendo como presidente José Wilson Alves de Oliveira, que dirigiu vários filmes, sozinho ou em parceria<sup>6</sup>. Havia no CCT outro grupo bastante atuante na produção cinematográfica no cenário piauiense no período de 1978 a 1985, o Mel de Abelha, que deu nome à chamada Geração Mel de Abelha<sup>7</sup>. Composto por Valderi Duarte, Luis Carlos Sales, Lorena Rego, Socorro Melo e DáciaIbiapino, o grupo estava vinculado ao Programa Bolsa de Trabalho de Arte, que financiava os materiais para a realização de produtos artísticos para alunos da Universidade Federal do Piauí<sup>8</sup>. Filmes produzidos pelo Mel de Abelha e por J.W. Produções Artísticas foram premiados em mostras e festivais (CASTELO BRANCO, SOUSA, 2009, p.139). Embora aqui seja possível trazer apenas algumas notas sobre a trajetória do CCT, a pesquisa mais ampla revela aspectos que contribuíram para a sua criação, permanência e seus possíveis desdobramentos em Teresina atualmente. No percurso deste estudo, foram consultadas outras pesquisas e documentos sobre a atuação da Igreja Católica frente ao cinema, os quais forneceram bases para a atuação de sacerdotes e leigos em todo o mundo. É preciso considerar, entretanto, que as particularidades das ações que se desenvolveram localmente determinaram-se pelos diferentes contextos e modos de articulações entre indivíduos, instituições e sociedade. A Igreja Católica, por ter “o encargo de transmitir aos homens uma mensagem universal de salvação” (IGREJA CATÓLICA, 1957) e tradicionalmente direcionar processos de produção,

circulação e consumo de bens simbólicos da humanidade, viu-se na necessidade e na oportunidade de conduzir os fiéis do mundo inteiro ao consumo cinematográfico mais alinhado aos preceitos cristãos. Contornando, entretanto, a prática de censura aos filmes, tentou reverter certos aspectos negativos considerados pela Igreja e tomar o cinema para fins educativos. O cineclube estaria entre as práticas eficazes para educar e sensibilizar acerca do cinema como arte, meio de propagar valores humanistas e incentivar o engajamento social. O Cine Clube Teresinense é exemplar da objetivação social desse projeto maior que encontrou ressonância em contextos favorecidos pelo alinhamento entre ações individuais-coletivas, articuladas em redes de diferentes níveis de integração. Pela pesquisa realizada, é possível dizer que, em sua trajetória de 28 anos, o CCT valorizou o cinema como arte, o estudo sobre a técnica e a estética do cinema e a produção de filmes, intercalando com os ensinamentos cristãos e instigando indivíduos a trabalharem em grupos pelas lutas sociais. Quando o CCT foi fundado, Teresina e o mundo viviam o período áureo do cinema; o cineclube sedes desenvolveu nessa ambiência e influenciou gerações. Porém, enfrentou dificuldades no final dos anos 1980, até que deixou de funcionar em 1990.

### Conclusão

As ações humanas que propiciaram o desenvolvimento do cinema para além da sua estruturação industrial – produção, distribuição e exibição – forjaram, ao longo do percurso histórico, ambiências de sociabilidade, aprendizados e instituições, delineando gostos e atuações no âmbito cinematográfico, que constituíram largas formações culturais. Os fluxos e as relações entre as pessoas interessadas em cinema, por todo mundo, possibilitaram aliar desenvolvimentos tecnológicos, instituições e criatividade às necessidades humanas relacionadas à arte e ao entretenimento. Além das sociabilidades propiciadas pelas ambiências de consumo cinematográfico que acabaram por formar o grandioso público da sétima arte, surgiram, a partir do compartilhamento de saberes e fazeres engendrados por vivências tanto no âmbito da produção quanto do consumo cinematográfico, diversas organizações e/ou instituições que tiveram o cinema como referência para formação e realização, espaços estes expressivos das mediações realizadas por especialistas, consumidores e produtores culturais. Nesse sentido, são exemplares as práticas que se estruturaram nas ambiências dos cineclubes, como a realização de festivais de cinema e a formulação de projetos educativos – a exemplo das atividades promovidas no período de vigência do Cine Clube Teresinense (1962 a 1990), em que, como se pode constatar, os estudos, as ações e ramificações tecidas pelo cineclube contribuíam e interferiam na formação daqueles que faziam parte do clube. O CCT contribuiu para formar o público de cinema em Teresina por meio das exibições de filmes e debates tanto no colégio quanto fora dele, a exemplo da realização do programa “Tribuna Cinematográfica” na rádio Pioneira, bem como com a publicação de artigos na coluna “Comentando Cinema” no jornal *O Dia*. Certamente, a organização das sessões de cinema de arte, a produção de filmes e as premiações recebidas compuseram uma formação sensível a questões humanitárias. Por meio do exemplo e do engajamento, os padres Carlo Bresciani e Moisés Fumagalli cativavam aqueles que participavam do CCT a serem missionários leigos em prol da educação pelo e para o cinema. Além disso, talentos se desenvolveram a partir do CCT.

<sup>6</sup>O grupo passou a chamar-se J.W. Produções Artísticas em 17 de julho de 1985. Entre as produções cinematográficas, destacam-se os filmes dirigidos por José Wilson, *Brecha azul*, *Contrastes*, *Pau torto*, *Retalhos*, *Um jeito estranho de amar* e *Vítimas por acaso*, e outros realizados em parceria, como *A fila* e *Exilados na própria terra* (com Joaquim Saraiva), *Visita do Papa a Teresina* (com o CCT) e *Crucificado, morto e sepultado* (parceria brasileira), segundo informações cedidas por José Wilson para esta pesquisa, em entrevista realizada pela autora deste texto, Arlene Maria R. Silva, em 19 de janeiro de 2017, em Parnaíba-PI.

<sup>7</sup>A Geração Mel de Abelha faz parte da segunda fase do cinema piauiense, sendo a chamada Geração Torquato Neto a pioneira. Como o nome sugere, esta foi composta de jovens realizadores influenciados pela figura do poeta, jornalista, compositor e cineasta piauiense, Torquato Neto. Também conhecido como “anjo torto da Tropicália” e “ideólogo do Tropicalismo”, Torquato nasceu em 1944 e viveu em Teresina até 1958, quando foi estudar em Salvador. Começou a cursar jornalismo em 1962, no Rio de Janeiro, e, em 1971 e 1972, mantinha uma coluna no jornal *Última Hora* chamada “Geleia Geral”, famosa por suas manifestações a respeito de música, artes e cinema, e também criou ou ajudou a criar jornais alternativos, como *Presença* e *Navilouca*, no Sudeste, e *Gramma*, em Teresina (CASTELO BRANCO, 2005, p. 170). Freqüentador de várias salas de exibição e “cinéfilo de carteirinha”, também foi um experimentador em Super-8. De acordo com Castelo Branco (2005, p. 224), “Torquato Neto, cuja imagem está mais articulada à poesia do que ao cinema, será curiosamente um dos polos de debate que agitou a filmografia brasileira no final dos anos sessenta e início dos anos setenta”.

<sup>8</sup>Realizaram *Povo favela* (1978), *Pai herói* (1980), *Relógio do sol* (1981), *Espaço marginal* (1981), *O pagode de Amarante* (1983), *Dia de passos* (1984) e *Da Costa e Silva* (1985), documentários em Super-8, em que os problemas sociais urbanos mais latentes da cidade de Teresina serviam como tema.

Impulsionados pelo que viam e aprendiam sobre cinema, jovens incluíam em seus planos para o futuro o desejo de viver de cinema. O Piauí, na época do CCT, não oferecia condições para que se realizasse tal façanha. Isso significava a necessidade de migração desses sonhadores para centros urbanos mais desenvolvidos, como Rio de Janeiro e São Paulo. Alguns dos cineclubistas até abandonaram profissões consideradas promissoras para a época, para concentrar suas energias em torno do fazer cinema. Outros apostaram em empreendimentos como lojas de DVDs especializadas em filmes de arte e clássicos do cinema, bem como investiram na carreira de cineastas ou professores de cinema, dedicaram-se a trabalhar em rádios e TVs da cidade; outros seguiram o curso de sua vida apreciando cinema.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi de. *Cinema, quantos demônios* (A relação da Igreja com o cinema). 1990. 210f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Setor de Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1990. v. 1.
- ARAÚJO, Maria Marta de (Org.). *Anuário do Colégio São Francisco de Sales 1962*. Teresina: Colégio São Francisco de Sales, 1962.
- BAECQUE, Antoine de. *Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944-1968*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. *Therezina Teresina*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRESCIANI, Carlo. *Revista Presença*. Teresina, ano VII, n. 14, jan.-jun. 1985. Depoimento.
- CAMPELO, Aci. *Theatro 4 de Setembro: 120 Anos – história e imagens de um símbolo cultural*. Teresina: Halley, 2015.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. *Todos os dias de Paupéria: Torquato Neto e a invenção da Tropicália*. Teresina: Annablume, 2005.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; SOUSA, Renata Flávia de Oliveira. A cidade que abraça: atravessamentos e caminhadas em filmes experimentais. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar (Org.). *História, cinema e outras imagens juvenis*. Teresina: EDUFPI, 2009.
- MENEZES, José Rafael de Menezes. *Caminhos do cinema*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- CINE CLUBE TERESINENSE. *Estatuto*. Teresina, 26 de agosto de 1972. Acervo de José Wilson Alves de Oliveira, sócio do CCT.
- ELIAS, Norbert. *Escritos e ensaios: Estado, processo, opinião pública*. Organização e apresentação de Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbord. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. v.1.
- GUSMÃO, Milene. *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX ao XXI*. 2008. 300 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- IGREJA CATÓLICA. Papa (1939-1958: PIO XII). *Carta Encíclica Miranda Prorsus: sobre a cinematografia, a rádio e a televisão*. Roma: Livraria Editora Vaticana, 1957. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxii\\_enc\\_08091957\\_miranda-prorsus.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_08091957_miranda-prorsus.html)> Acesso em: 02 nov. 2018.
- LOGGER, Guido. *Educar para o cinema*. Petrópolis: Vozes, 1965.
- SANTOS, Raquel Costa. *Lição de coisas: Igreja Católica e formação cultural para o cinema no Brasil e na Bahia*. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SANTOS, Raquel Costa. *Um trajeto católico de educação pelo/para o cinema no Brasil: redes, práticas e memórias*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.
- SILVA, Arlene Maria Ribeiro. *Memórias de cinema e processo de formação: a trajetória do Cine Clube Teresinense*. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.
- SILVEIRA, Walter da. *Importância dos clubes de cinema*. In: JORNADA NACIONAL DE CINE-CLUBES, 5, 1965, Salvador.
- SILVEIRA, Walter da. *O valor do cinema como arte* (1943). In: DIAS, José Umberto (Org.). *O eterno e o efêmero*. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais, 2006.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Do Santo Ofício à libertação: o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social*. São Paulo: Paulinas, 1988.

\*\*\*\*\*